

PROCESSOS FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS DIALETAL REVISITADOS:

CODA /S/

PHONOLOGICAL PROCESSES OF THE DIALECTAL PORTUGUESE REVISITED:

THE CODA /S/

D^a Teresinha de Moraes Brenner – UFSC - PGLg

RESUMO: A fonologia multilinear propicia, sob o enfoque da geometria dos traços, uma interpretação singular da variação linguística. O componente fonológico, recortado plurilinearmente, faculta que propriedades fonêmicas ou segmentos se coarticulem com elementos do mesmo ou de outros níveis. Todo processo fonológico implica configurações geométricas variadas e obedece a princípios universais e a parâmetros peculiares a cada língua. O nível abstrato lexical preserva virtualmente todas as variedades. No caso do português, pode-se confirmar, pela análise dos dialetos de pescadores e rendeiras de Florianópolis, a descrição multilinear de processos fonológicos atestados na posição de *coda* /S/, como assimilação, dissimilação, epêntese, apagamento, metátese, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Multilinearidade. Geometria. Coarticulação. Léxico. Variação.

ABSTRACT: *Multilinear phonology, through the approach of the geometry of phonological features, provides a singular interpretation to linguistic variation. The phonological component, when focused in a plurilinear way, permits phonemic properties or segments to get co-articulated with elements from the same or other levels. Every phonological process implies different geometric configurations and follows universal principles and particular parameters to each language. The lexical abstract level virtually preserves all the varieties. In the specific case of Portuguese, it is possible to confirm through the dialects of fishermen and “rendeiras” of Florianópolis, the multilinear description of phonological processes observed in the coda position, like assimilation, epenthesis, deletion, metathesis, among others.*

KEY-WORDS *Multilinearity. Geometry. Co-articulation. Lexicon. Variation.*

¹ O texto foi apresentado, sob forma de comunicação oral, em ANPOLL/2004, no GT de Fonética e Fonologia, em Maceió. A presente versão é reformulada.

1. Preliminares

O modelo multilinear, que funde princípios do autossegmentalismo e da teoria métrica, concebe o componente fonológico abstratamente subdividido em níveis (*tiers*) e planos. Todas as linhas têm por centro um *esqueleto* constituído de pontos ou posições vazias de conteúdo fonético ou fonológico (*slots*). Nele se inserem sílabas, segmentos e traços, como terminalidade de um plano, tendo seus elementos representatividade ou não no plano seguinte. As configurações geométricas distribuem, no plano superior, a estrutura silábica; no centro, delimitam o esqueleto e, no plano inferior da figura, se organizam os segmentos e suas propriedades. Os traços fonológicos também obedecem a hierarquias representadas geometricamente por categorias ou classes e seus elementos.

O presente trabalho propõe uma revisão de processos fonológicos do português apoiada na teoria multilinear e na geometria dos traços. Seleciona como foco a posição de *coda* silábica, retomando a questão da redundância na assimilação e na metafoia. Restringe-se ao enfoque do elemento abstrato /S/ inserido no léxico com quatro possibilidades de realizações concretas no português, comprometendo as linhas (*tiers*) de *sonoridade* e *ponto de articulação*. Faz, ainda, breve alusão a processos de maior complexidade na ocorrência de [z] como *coda* e à ressilabação. Articula-se nos Planos de Pesquisa da Autora deste, *Estudos em Fonologia e Estudo da Fala sob o ponto de vista acústico-articulatório*.

O *corpus* centraliza-se na fala de pescadores e rendeiras de Florianópolis. Resulta de dados colhidos por Teresinha de Moraes Brenner para sua Tese de Doutorado e de pesquisas de campo realizadas pelos alunos do Curso de Graduação da UFSC (diurno e noturno), coordenadas pela Professora Brenner, para fins de Trabalho Final de Disciplina – *Fonética e Fonologia do Português*. Contempla também elementos relativos ao português padrão e, para maior compreensão das potencialidades lexicais, remonta ao latim no processo da metafoia e da ressilabação.

Não se enfocam, pois, neste trabalho, questões pertinentes aos processos fonológicos do português do Brasil, mas se restringe o estudo à análise dialetal do *corpus* selecionado.

2. Fundamentos Teóricos

A teoria multilinear implica *multi-tiers*. Ela surgiu da teoria autossegmental, centralizada no segmento, acrescida de princípios da teoria métrica aplicados ao estudo da sílaba. Essa última introduziu dois níveis básicos nas configurações: o silábico e o segmental, como na obra de Clements e Keyser *CV Phonology, A generative theory of the syllable*, de 1983. Duas linhas eram atribuídas à sílaba: uma, às categorias mais altas; e a outra, à classe dos

constituintes CV alinhados no esqueleto. O esquema trilinear restringia-se a uma estrutura bidimensional. Com a formulação pela teoria multilinear de um *esqueleto* de posições vazias de conteúdo fonético e fonológico, a configuração trilinear tornou-se tridimensional. Importa aqui a nova concepção de esqueleto, porque se associa, a partir de então, ao conceito de *flutuação* de elementos do léxico. Significa que elementos virtuais do léxico podem ou não se inserir na linha silábica, na esqueletal ou na segmental. Como decorrência, alarga-se o conceito de *variação*, uma vez que as variantes permanecem latentes no léxico e as configurações geométricas permitem explicar uma larga gama de processos fonológicos. Para exemplificar, pode-se afirmar que o segmento [-sonoro], representativo de /S/ *coda*, na fala de Florianópolis, concretiza-se como [s] ou [ʃ], sendo ambos flutuantes no léxico. Dependendo das variáveis - área dialetal, sexo, escolaridade, nível social, realiza-se na cadeia da fala, nessa posição, ora o primeiro segmento, ora o outro, ora ambos.

A formulação chomskiana da década de 50, concernente a uma gramática gerativa transformacional, passou a representar o cerne dos estudos fonológicos. Forjada de um núcleo básico universal denominado estrutura profunda, tinha por saída a estrutura superficial, concretizada na cadeia da fala. A gramática se organizou através do entrosamento de seus componentes. O sintático particularizou a estrutura geradora complementada por dois componentes interpretativos – o semântico e o fonológico. Em *The sound pattern of english*, 1968, da autoria de Chomsky e Halle, o componente fonológico recebe um tratamento melhor definido. Ele tem penetração no léxico, constituindo seu *input* a saída do componente sintático e seu *output*, a sua realização física, ou seja, a transcrição fonética. Os processos fonológicos são explicados através de regras peculiares à fonologia generativa que articulam a representação fonológica à transcrição fonética.

Não resolvendo o gerativismo problemas como os de ordem prosódica e silábica, correntes posteriores, apoiadas em seus princípios, propõem modelos inovadores. A fonêmica americana da década de 30 e a Escola de Praga sustentaram o conceito de fonema como *feixe de traços distintivos*. Somente na década de 70, com o autossegmentalismo, desfaz-se a ideia de não-organização interna implícita em *feixe* e *matriz fonológica*. A nova teoria, centralizada no segmento, percebe uma organização no processo articulatório do fonema. A Fonologia métrica introduz o conceito de estrutura hierarquizada e a *CV-Phonology* o aplica à teoria da sílaba.

Desenvolvendo proposições dos últimos modelos mencionados, a teoria multilinear procura resolver questões de organicidade estrutural, ao focalizar basicamente a sílaba, o fonema e o traço fonológico, enquadrados através de um sistema geométrico, no contexto linguístico. A multilinearidade, conforme alusão *supra*, propõe três linhas (*tiers*) fundamentais, abandonando a bidimensionalidade. Percebe-se que foi mantido o entrosamento dos

componentes gramaticais, dado que toda descrição estrutural apoia-se no léxico e a prosódia depende de estruturas sintáticas.

A sílaba, num esquema multilinear, se compõe de *onset e rhyme*. A segunda contém um núcleo (ocupado por uma ou mais vogais – embora haja línguas que preencham esse espaço por consoante), seguido ou não de *coda*, sequência terminal silábica. A cadeia inicial é formada por uma ou mais consoantes. A bibliografia especializada alude ao fato de que essa terminologia pertence a uma época remota dos estudos chineses.

Conforme o afirmado na primeira secção, este trabalho focaliza a *coda* em coarticulação com o *onset* da sílaba seguinte ou em fronteira de palavra. Situa, pois, problemas da terminalidade silábica, como o da [sonoridade]. Os processos fonológicos afastam-se da simplicidade das regras do gerativismo, traçando configurações complexas e buscando soluções na virtualidade do léxico, para dar conta da língua padrão e da variação regional. O modelo clássico de N. G. Clements, formulado em 1985, para a geometria dos traços, constitui o centro de apoio para o presente trabalho que se organiza em torno de configurações geométricas para explicação de processos fonológicos. O artigo de Clements & Hume (1995) desenvolve configurações paralelas às de 1985 e introduz, sobremaneira, os esquemas arbóreos.

3. Processos fonológicos

3.1. [Sonoridade] silábica: configuração da *coda* /S/

Clements & Keyser, 1983, propõem o *núcleo* como elemento central da sílaba. Num sistema binário, ele se insere na *rima*, seguido de *coda*, preenchida pelos segmentos permitidos pelo sistema. Assim, a *rima* compreende o *núcleo* e a *coda*, um satélite terminal silábico, geralmente ocupado por consoante. A binaridade silábica se estabelece, pois, com *onset*, categoria representada por consoante ou sequência consonantal, concatenado a *rhyme* e, nessa, pelas subcategorias *núcleo e coda*.

O *núcleo* representa, pois, a cabeça (*head*) silábica, delimitada por vogal ou ditongo. Certas línguas comportam, ainda, líquidas nucleares. Na verdade, todos os sistemas fonológicos possuem restrições ou parâmetros específicos relativos aos elementos configuradores de *onset e rhyme*.

Goldsmith (1990, p. 110) introduz na sílaba um ciclo de [sonoridade]. Percebe-a num *crescendo-decrescendo*, tendo por pico o *núcleo*. O autor interpreta articulatoriamente a [sonoridade] como decorrente da abertura da caixa de ressonância bucal, através da qual atravessa a corrente de ar no ato expiratório, comprometendo uma quantidade relativa de energia produzida na emissão do som. Do ponto de vista acústico, depende, pois, da quantidade de energia nele contida, ou seja, de sua intensidade. Estabelece, como

Work. pap. linguíst., 13(1): 79-99, Florianópolis, jan.jun,2012

consequência, uma íntima relação com elementos silábicos e vocabulares, só se definindo no plano prosódico. Fonologicamente, a [sonoridade] é vista, pois, no contexto linguístico. Foneticamente, pode ser considerada como uma propriedade inerente de um som ou de uma classe de sons. Desse ponto de vista, existem sons mais sonoros e classes de sons mais sonoras. Assim, surgiram as diferentes escalas de [sonoridade] – umas classificando sons, outras, classes de sons. O termo recobre, ainda, na fonética, o resultado do processo da vibração das pregas vocais na laringe. Vale lembrar, também, que a [sonoridade] inerente fica sujeita a posições que o segmento ou classe ocupa na sílaba: alguns só se realizam na margem direita e outros, apenas na esquerda, ou, ainda, em ambas, assumindo diferente configuração e grau de sonoridade.

Teorias mais antigas, como a de Jespersen (*apud* MALMBERG, 1954, p. 115-22) percebiam uma tendência de os fonemas se agruparem em torno dos segmentos mais sonoros. Stetson (*id. ibid.*) verificou uma relação entre a constituição da sílaba e a enervação dos músculos respiratórios. A atividade muscular cresce e decresce paralelamente à produção da curva da intensidade silábica.

Jespersen (*apud* CLEMENTS, 1988, p.3), um dos pioneiros na elaboração das escalas de [sonoridade], distribui as diferentes classes como segue: 1. (a) oclusivas surdas; (b) fricativas surdas; 2. oclusivas sonoras; 3. fricativas sonoras; 4. (a) nasais sonoras (b) laterais sonoras; 5. [r]- sonoro; 6. vogais altas sonoras; 7. vogais médias sonoras; 8. vogais baixas sonoras.

Clements (1988, p. 14) concebe uma escala fonológica de [sonoridade] pela distribuição de classes. Assim, as obstruentes, [-silábica, -vocoide, -aproximante, -sonorante], apresentam grau zero de [sonoridade]. As nasais [-silábica, -vocoide, -aproximante, +sonorante], grau 1; as líquidas, [-silábica, -vocoide, +aproximante, +sonorante], grau 2; os glides, [-silábica, +vocoide, +aproximante, +sonorante], grau 3 e, finalmente, as vogais [+silábica, +vocoide, +aproximante, +sonorante] grau, 4. O traço [silábica] foi interpretado, posteriormente, como [aberto]. Seja:

(1) Escala de [sonoridade] de Clements (1988):

O	N	L	G	V	
-	-	-	-	+	[aberto]
-	-	-	+	+	[vocoíde]
-	-	+	+	+	[aproximante]
-	+	+	+	+	[sonante]
0	1	2	3	4	escala da sonoridade

Existe, entretanto, na teoria pertinente à sílaba, um postulado teórico que se aplica à relação estrutural de *onset* e *coda*: o *decrecendo* em tensão e [sonoridade] se localiza no final da sequência, enquanto o *crescendo* se situa no início. Caracteriza-se, pois, a *coda*, na ocorrência mais generalizada, como o elemento silábico menos audível e menos perceptível.

A estrutura maximal da sílaba do português corresponde a $C^2V^*C^2$, não sendo registrado comumente C^2 em *onset* e *coda* concomitantemente. A *coda* do português pode ser ocupada por apenas quatro elementos representados abstratamente no léxico: /S/, /N/, /R/ e /L/. A categoria [líquida] recobre os elementos mais abertos e a [fricativa] os mais fechados. Câmara Jr. (1980, p. 61-4) apresenta a seguinte escala de abertura para os fonemas do português: oclusivas – grau zero; fricativas – grau 1; nasais –2; líquidas – 3; semivogais – 4; e vogais – 5.

Focaliza o tema deste trabalho a *coda* /S/ do português, que se situa na fronteira silábica e que se particulariza como elemento decrescente na curva da [sonoridade]. Dependendo do contexto, delimita-se como de difícil percepção auditiva. Quanto à natureza fonêmica, a classe da [fricativa] acusa os mais baixos graus de abertura e de [sonoridade], segundo escalas *supra* aludidas. Na fala do povo, ilustrada por meio do dialeto dos pescadores e rendeiras de Florianópolis, essa categoria comporta uma rica gama de processos fonológicos.

3.2. Processo de redundância: [sonoridade] na *coda* fricativa

Os processos fonológicos, conforme referência acima, numa configuração multilinear, realizam-se num mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes. Aborda-se, inicialmente, o processo de assimilação: um ou mais traços vocálicos ou consonânticos se propagam entre segmentos da mesma classe ou entre segmentos de classes diferentes. Na verdade, efetiva-se um processo de redundância de traços contextuais. Ao contrário, na dissimilação, desfaz-se a redundância contextual entre traços aparentados e, por conseguinte, entre segmentos.

Neste estudo, focaliza-se a [sonoridade]. Revisando o processo no português, compreende-se que a *coda* /S/ se insere abstratamente no léxico da língua, configurando-se no componente fonológico como segmento flutuante. Na transcrição fonética da estrutura de superfície, ela se concretiza como [s] ou [ʃ] diante de segmento [surdo] ou pausa ou como [z] ou [ʒ] diante de elemento [sonoro]. Trata-se, pois, de assimilação categorial, quando o elemento em pauta precede [consoante] e de assimilação transcategorial, diante de [vogal].

Na organização hierárquica da geometria dos traços, o processo da [sonoridade] se efetiva num nível categorial elevado – linha [laringal], não sofrendo interferências de níveis inferiores. Na realização da fala do litoral florianopolitano, interfere o contexto cultural, implicando o ponto de articulação: [+ coronal, +anterior] ou [+ coronal, - anterior]. Trata-se de variante livre regional indiciadora de processo histórico, classe social e sexo. A categoria *ponto de articulação* delimita o nível mais inferior da configuração hierárquica. Portanto, a *coda* /S/ compromete duas categorias: a [laringal] e a relativa a [ponto de articulação]. Enquanto a primeira se caracteriza como linguisticamente contextual, a última resulta de fatores culturais, sendo, em princípio, uma variante livre – conforme alusão *supra*. Cumpre salientar, aqui, ainda, segundo o exposto, a dupla descrição funcional da [sonoridade] como fenômeno linguisticamente contextual:

- (2) (a) em posição de *coda* cujos elementos se tornam enfraquecidos;
- (b) em processo de coarticulação entre a [fricativa] da *coda* e a consoante inicial do *onset* da sílaba seguinte e, na vacância deste, com a vogal da rima.

Pescadores e rendeiras de Florianópolis usam, preferencialmente, a [fricativa] [ʃ][+cor, -ant], sobretudo, os informantes do sexo feminino. Mostra-se, também, frequente a concretização do cruzamento dos dois pontos de articulação pelo mesmo falante.

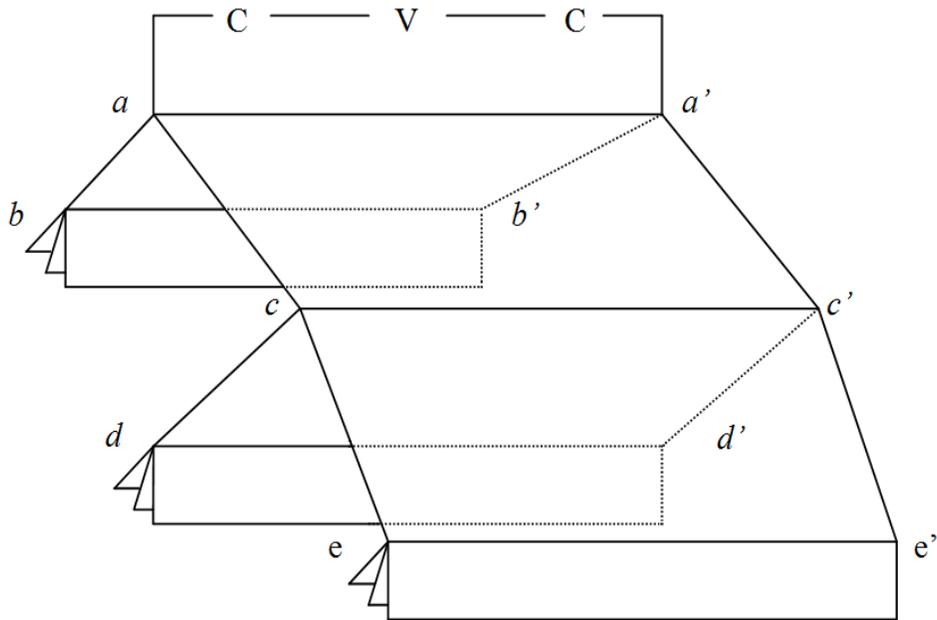
Ilustra-se a presença do traço contextual [- sonoridade] da *coda* /S/, como segue:

- (3) [gɔʃtudɐʃ'prayɐ] (Gosto das praias.)

Numa leitura que abrange a frase, ocorre duas vezes a assimilação dos traços [-son] [+cor, -ant]. Registra-se, ainda, uma dissimilação por apagamento, referente à marca do plural, evitando a redundância da desinência de número.

Interprete-se, pois, a redundância do elemento /S/ [-son] na frase. Para tanto, impõe-se uma revisão da hierarquia dos traços em sua perspectiva clássica (CLEMENTS, 1985, p. 229):

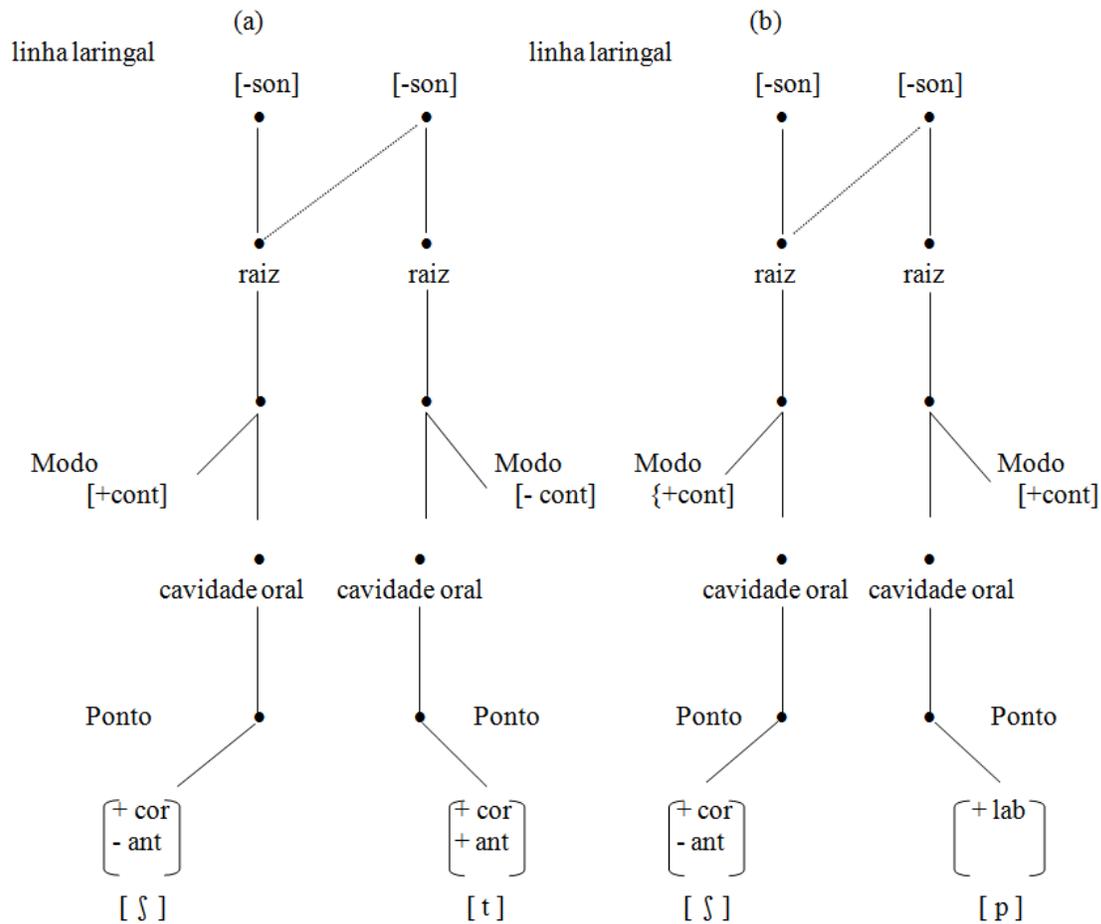
- (4) Geometria dos traços fonológicos



aa' = linha da raiz; bb' = linha laringal; cc' = linha supralaringal;
 dd' = linha de modo; ee' linha de ponto

Pode-se observar que a linha [laringal] se prende à da [raiz], opondo-se à [supralaringal]. O processo da assimilação da [sonoridade] se efetiva no nível [laringal], não afetando os traços das diferentes categorias. Trata-se de uma camada superior às demais e o processo se torna coerente com o PCO – Princípio do não-cruzamento das linhas.

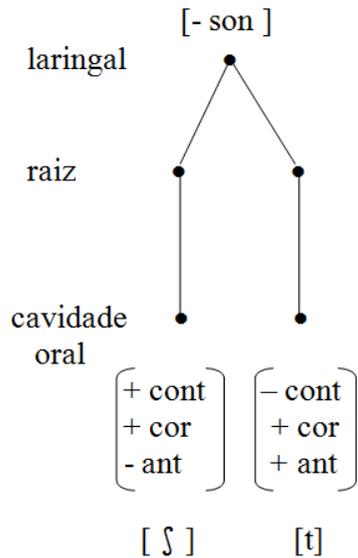
- (5) Distribuição do traço [sonoridade] de *coda* em (3), segundo a autora deste, apoiada no artigo de Clements (1985), em pauta:



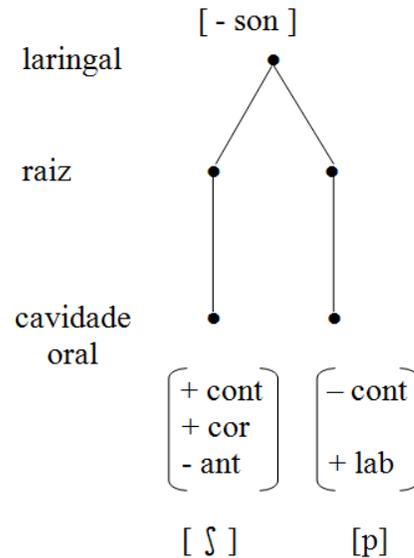
Como a [sonoridade] de *coda* só se define no contexto, essa propriedade do elemento consonântico do *onset* à direita se expande sobre a *coda* à sua esquerda. Em ambos os casos, (5) (a) e (5) (b), o elemento [-son] se propaga sobre a *coda* [fricativa], tornando-a [-son]. Obteve-se como resultado uma assimilação categorial, efetivada apenas no nível da laringe. No primeiro caso, delineia-se uma *coda* intravocabular e, no segundo, intervocabular.

Quanto à redundância da *coda* [+cor, -ant], na frase (3) acima, observa-se uma assimilação de variante livre na linha de ponto de articulação. Supõe-se que a primeira ocorrência domine as demais, como em (5) (a)(b). Em (5)(c)(d), retomam-se os dois processos que incluem travadores silábicos portadores dos mesmos traços, podendo ser configurados como segue abaixo.

(c) Síntese de (5) (a)

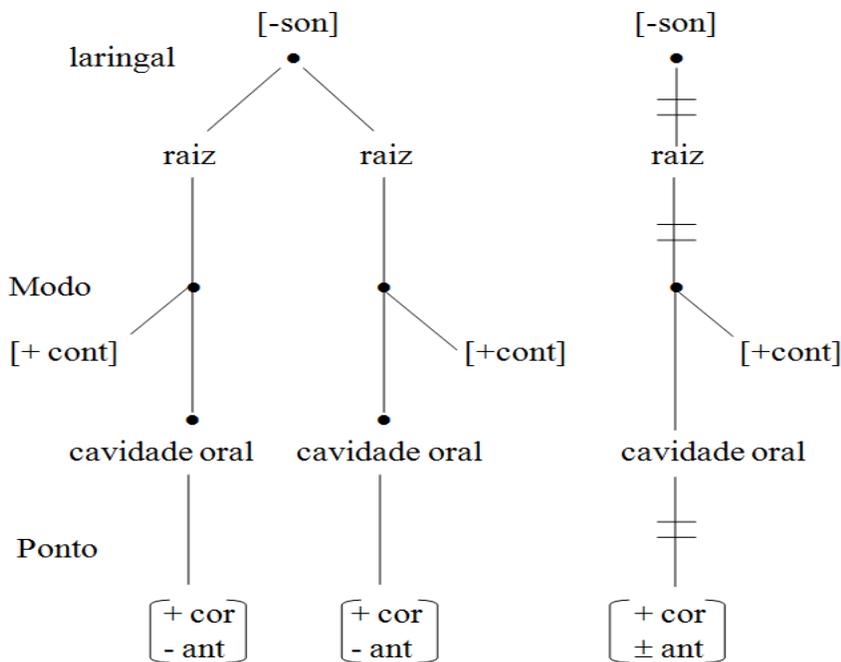


(d) Síntese de (5) (b)



Lê-se em (5)(c)(d) uma geometria de traços determinada por duas *codas* dominadas pelo contorno do traço [surdo], portadoras na cavidade oral dos traços [+cont] [+cor, - ant].

(6) Apagamento do travamento silábico final em (3), conforme a autora:



Ilustra-se, em (6), o processo de dissimilação da [sonoridade] presente na frase (3) acima, efetivado pelo apagamento da última *coda*, portadora do traço [-son], assinalado em dois travamentos que a antecedem. A [fricativa] final normalmente se enquadra como [-son], uma vez que se apresenta diante de pausa. Quanto ao ponto de articulação, a variação livre comportaria [± ant].

Segue-se uma amostra do *corpus*, revelando um quadro de Margem₂ da sílaba com características aproximadas a (3) e (5): [-son] [+cor, - ant].

- | | |
|------------------------------------|--------------------------|
| (7) (a) [eʃtomagu'fraku] | (Estômago fraco.) |
| (b) [fuypeʃ'ka:] | (Fui pescar.) |
| (c) [aʀoʃkuma'riʃku] | (Arroz com marisco) |
| (d) [aʃpe'soɐʃ] | (As pessoas) |
| (e) [peʃkuzidukwa'ʀoʃ] | (Peixe cozido com arroz) |
| (f) [dʃte'ʎow] | (Destelhou.) |
| (g) [o ⁿ dɐʃdu'mah] | (Ondas do mar) |
| (h) [ẽ ⁿ zɔyʃsẽỹ'iʃkɐʃ] | (Anzóis sem iscas) |

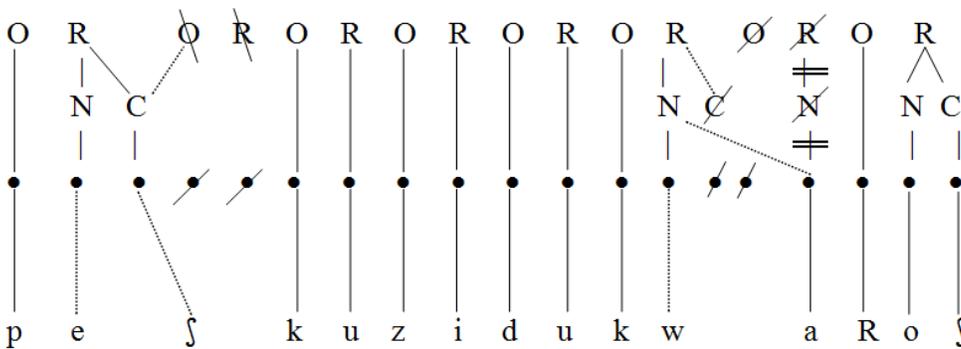
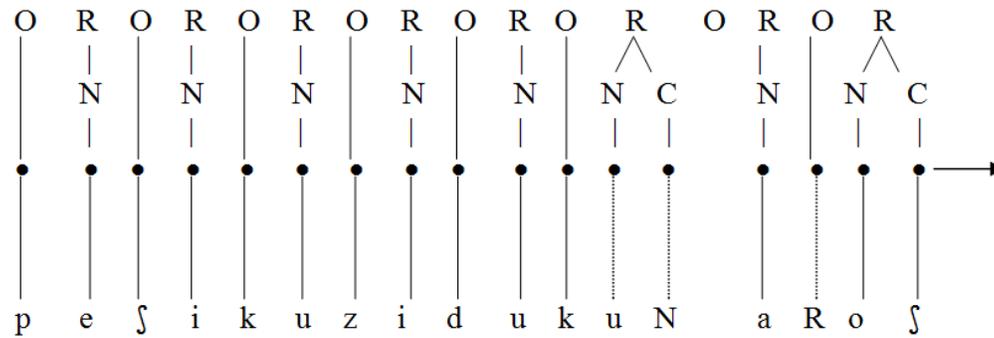
Os exemplos (7)(e) e (f) ilustram dois casos interessantes. No primeiro, o *onset* da segunda sílaba de ['peʃi] (peixe), torna-se *coda* da sílaba₁ do vocábulo, pelo apagamento da vogal da *rima*₂, sustentando a [fricativa] os mesmos traços de quando em *onset*. No segundo, o ritmo rápido da informante, uma rendeira, deleta, na superfície, a vogal nuclear da sílaba inicial. Ambos os exemplos corroboram o fechamento da estrutura silábica pela ênfase atribuída à *coda*.

A *rima* da segunda sílaba do primeiro vocábulo, em (7)(e), é apagada por dissimilação, tendo por comando a *rima* da sílaba tônica do segundo vocábulo. A [vogal] da preposição, sílaba pretônica do vocábulo fonológico, perde a nasalidade, formando um ditongo crescente com o núcleo da sílaba seguinte. A *coda* de todo o sintagma se mantém como [palatal surdo].

Seja (7) (e), conforme configuração da autora:

- (8) [peʃkuzidukwa'ʀoʃ]

(8)



O exemplo (7) (g) delimita um contexto típico da fala do pescador: a *coda* [fricativa] /S/ se realiza como [-ant] e a coda [vibrante], como [fricativa, + glotal]. No contexto frasal, combina-se a *coda* [-ant] com a [+recuada], e com as vogais posteriores ([alta e média fechada]) criando-se uma geometria de sons abafados, resultante de traços localizados nos órgãos mais intrínsecos do aparelho fonador (glote e região posterior da cavidade bucal). Incide no contexto uma redundância de valores culturais.

Em (7) (h), a *coda* demarca a pausa entre o primeiro e o segundo vocábulos, formando-se uma sequência de /S/ [± anterior]. No último vocábulo da frase, registram-se duas *codas* [-ant], formando uma configuração de quatro elementos /S/.

Em (9), a *coda* /S/ se insere num contexto [+sonoro]. Sejam:

- (9)(a) [aɾoʒ'dosi] (Arroz doce)
(b) [mewdewʒdu'sew] (Meu deus do céu)

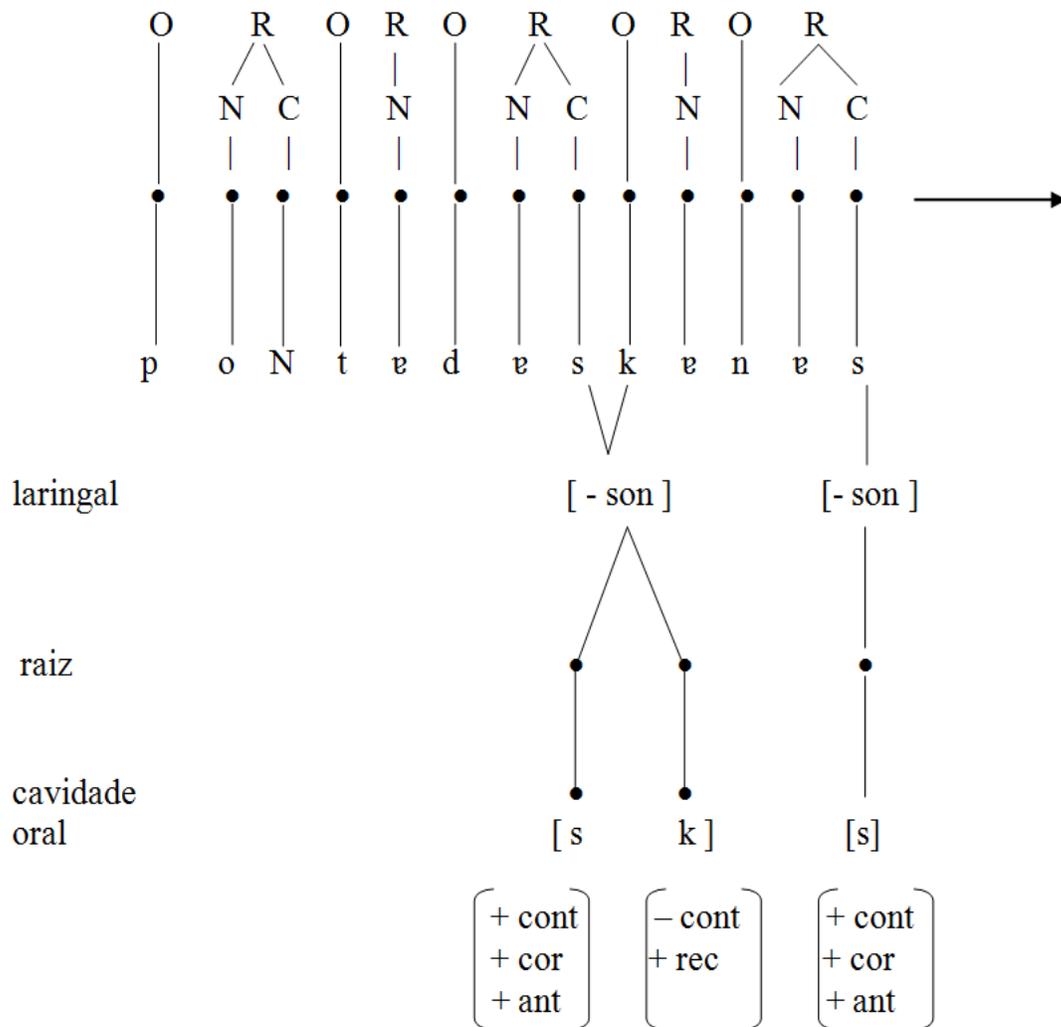
Nos dois casos, a oclusiva [d], portadora do traço [+son], define a demarcação da [sonoridade] da *coda* precedente.

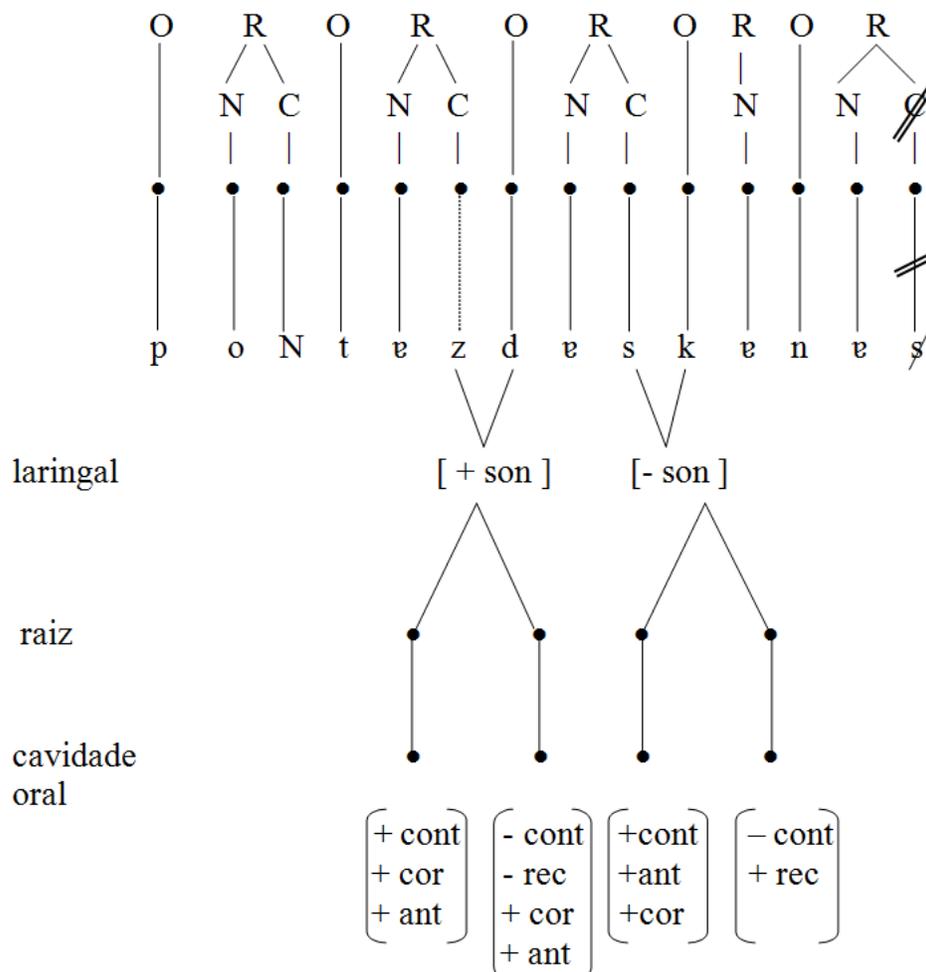
Menos frequente é o registro da fricativa [+cor, + ant] como margem direita da sílaba. Sejam:

- (10)(a) [aseⁿdɐz'luzis] (Acenda as luzes) (c) [poⁿtɐzdɐs'kɛnɐ] (Ponta das Canas)
(b) [floriẽ'nɔpis] (Florianópolis) (d) [dɛz'dedu] (Dez dedos)

A redundância da marca do plural configura em (10) (c) uma metátese e um apagamento. A segunda desinência de plural se apaga no final do sintagma nominal e se insere como Margem₂ da segunda sílaba do primeiro nome. Veja-se a interpretação da autora:

(11)





Um contexto, como o de (11), onde a *coda* se enquadra no esquema [-sonoro] se modifica com a metátese e o sintagma nominal passa a compreender uma sequência segmental [+sonoro], [zd], e uma *coda* [-son] diante de pausa em fronteira de vocábulo.

Observa-se, ainda, a alternância de [cor] [+ ant] e [-ant] no mesmo sintagma. Sejam:

- (12) (a) [[teɲutɾeʃfiʎuʃdoyz'nɛtuʃ] (Tenho três filhos, dois netos.)
 (b) [saborese'zɔtikuʃ] (Sabores exóticos)
 (c) [peɣʃi'fɾɛʃkus] (Peixes frescos)

Em (12)(a), o contexto frasal de *coda* se particulariza como: [+cor][-ant][-son] (três vezes). No entanto, o último nome, precedido por um numeral, forma uma unidade, assinalada na *coda* por [+cor][+ant][+son], partindo o comando da [sonoridade] da [nasal]. O [fricativo

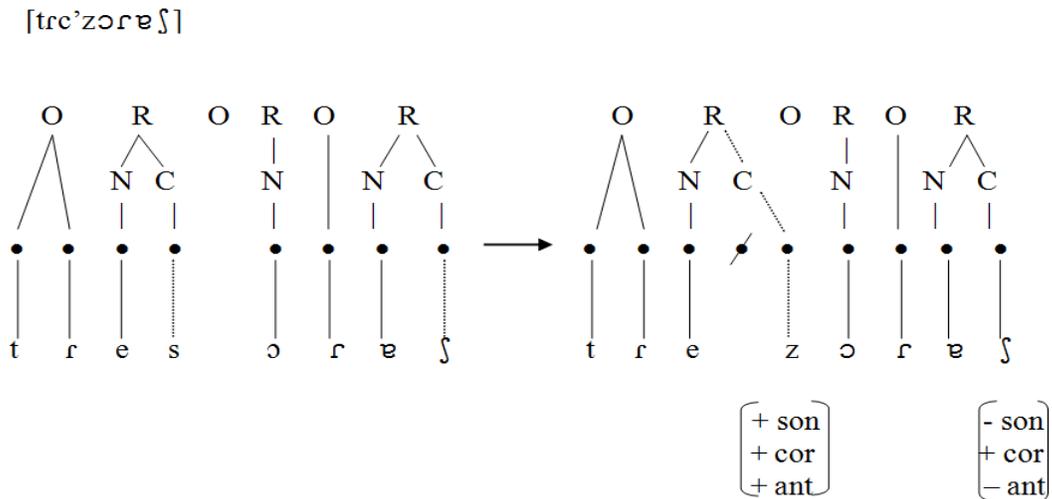
palatal] [-sonoro] determina um alto grau de turbulência e de não-abertura, como se pode corroborar por escalas clássicas como a de Jerpersen (*apud* CLEMENTS, 1988, p.3) que atribui o grau mínimo de [sonoridade] para as obstruintes surdas (grau 1). O interessante é verificar a variação livre realizada pelo mesmo informante: *coda* [fricativa] [alveolar] e [palatal] na mesma frase.

Outro fenômeno a ser enfatizado consiste na ressilabação, num processo de assimilação transcategorial denominado *juntura ou sândi*.

- | | |
|----------------------------------|---------------------------|
| (13) (a) [subiʃtispeləzes'kadəs] | (Subiste pelas escadas.) |
| (b) [usfarɔyzeʃtẽwã'sezus] | (Os faróis estão acesos.) |
| (c) [tre'zɔrɐʃ] | (Três horas) |
| (d) [praũzebõw'ne] | (Para uns é bom, né?) |
| (e) [azroskəzaperta'dijɐʃ] | (As roscas apertadinhas) |

Seja (13)(c)- configuração da autora:

(14) [tre'zɔrɐʃ]



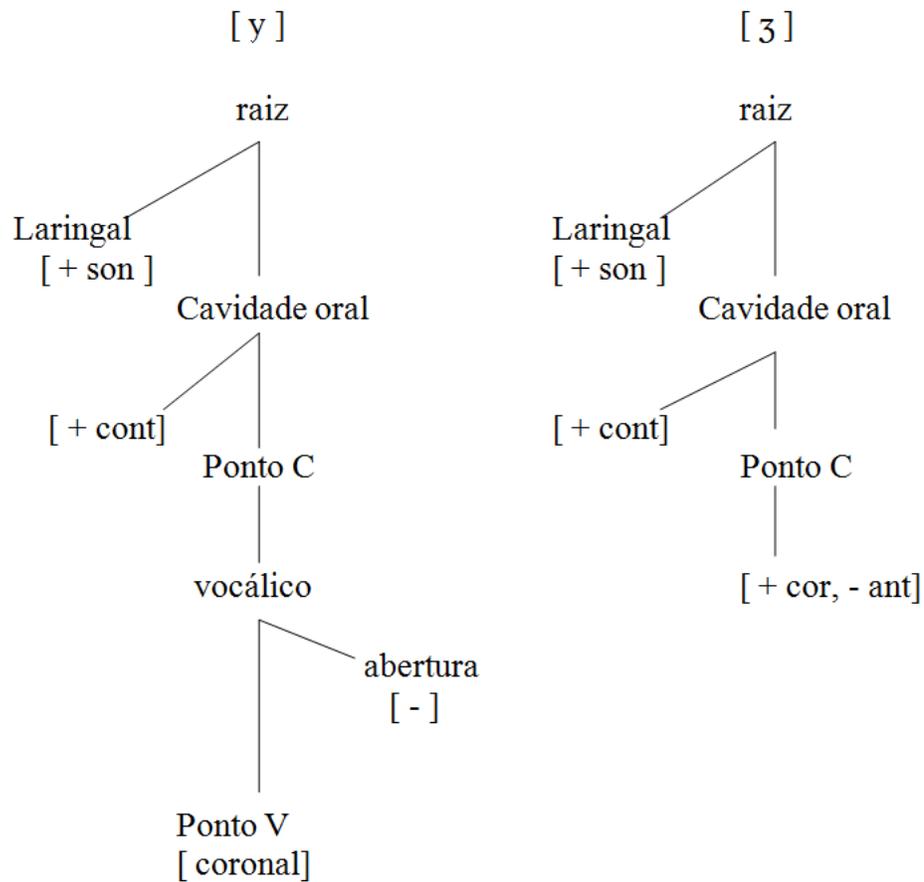
A ressilabação não ocorre apenas na juntura intervocabular. Pode ser lida como um processo intravocabular de epêntese em que *coda* ressilaba à direita como *onset* e recebe uma vogal epentética na *rima*. Interpretação alternativa prevê a epêntese de uma sílaba flutuante no léxico, acrescida ao radical. Sejam:

(15) (a) [a'rozi]	(Arroz)
(b) [aROYzi'sowtu]	(Arroz solto)
(c) ['nɔyzi]	(Nós)
(d) ['seyzi]	(Seis)
(e) ['dezi]	(Dez)
(f) [si'dizi]	(Se diz)
(g) ['oytʃu]	(Oito)

Como já foi dito, a tendência do dialeto em estudo converge para a *coda* [fricativa palatal]. Os exemplos de (15) (a-e) mostram claramente a ressilabação (ou a sílaba latente flutuante no léxico) que concorre com a *coda* do registro padrão. Verifique-se:

(16) ['seyzi] - configuração da autora

[‘seyzi] Representação parcial



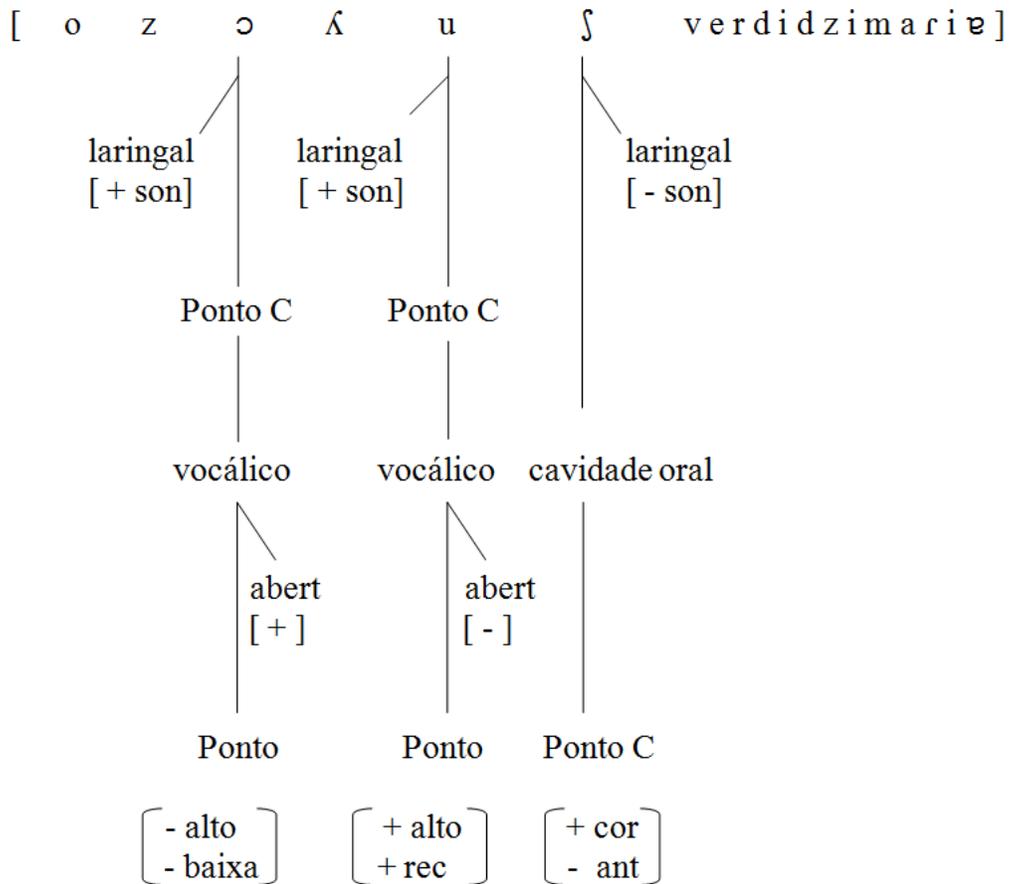
Pergunta-se: por que [z] e não, [s] no *onset* da sílaba epentética de [a'ROzi]? O comando é feito, segundo o princípio da [sonoridade], pelo elemento à direita da [fricativa]. O segmento vocálico, localizado na *rima* seguinte, expande sua [sonoridade] à esquerda, para *onset*, delimitado como *coda* no português padrão. O mesmo sucede em (16) *supra*. A [fricativa, palatal, -son] ressilaba como [+son].

A [fricativa palatal] na *coda* representa o uso mais frequente na fala dialetal, enquanto no português padrão ela é [+ant] como [cor]. A forma palatizada resultou de uma iotização na passagem do latim para o português assumindo maior complexidade fonêmica que a [alveolar], sua concorrente, representativa do português padrão.

Para ilustrar a dissimilação, verifique-se o exemplo:

Work. pap. linguíst., 13(1): 79-99, Florianópolis, jan.jun,2012

(17)



A marca de plural se faz três vezes redundante na sequência [Det + Nome]: duas vezes a presença da *coda* [fricativa] e a abertura da vogal [o] para [ɔ], num processo de metafonia. Os elementos fechados da *rima* final [uʃ] determinam a abertura da vogal da *rima* precedente.

O latim registrava uma vogal longa, nas formas aportadas para metafonia:

- (18) (a) *ōvum*, i
 (b) *pōpulus*, i
 (c) *ōculus*, i
 (d) *pōrcus*, i

Work. pap. linguíst., 13(1): 79-99, Florianópolis, jan.jun,2012

(e) os, ossis

Na passagem do latim para o português, houve uma assimilação da vogal final, fechando a vogal inicial do singular. Portanto, a metafonia do plural no português atual constitui uma forma latente no léxico, com raízes identificáveis na estrutura da língua.

O dialeto em estudo elimina, muitas vezes, a marca vocálica do plural, evitando a redundância, como em:

(19) [ozoʎuʃveɾdidzima'ɾiɐ

A redundância do plural em sintagmas nominais não se registra em muitas línguas, como no Inglês. O processo de economia no dialeto florianopolitana se mostra compatível com a estrutura universal de muitas línguas.

4. Considerações finais

Aponta-se, finalmente, que modelos atuais altamente complexos como a Fonologia Multilinear e Geometria dos Traços Fonológicos facultam uma descrição de dialetos específicos do português do Brasil, como o da fala dos pescadores e rendeiras de Florianópolis. Comportam, pois, a formulação de parâmetros locais para resolver fenômenos de uma gramática regional como a palatização de *coda* e outros apoiados em princípios universais.

A Fonologia Multilinear defende a *flutuação* de elementos lexicais, o que permite ao falante a concretização de elementos específicos em determinados contextos ou a seleção de outros no léxico guiado por fatores culturais. Significa que a variação se articula com processos mentais e sociais e se organiza segundo a estrutura da gramática da língua, envolvendo todos os componentes gramaticais. Para uma gramática dialetal, importa a fonologia/fonética e seu entrosamento com a sintaxe, a semântica, a morfologia e a prosódia.

Referências

BRENNER, Teresinha de Moraes. *Une approche multilinéaire de la variation dialectale des consonnes occlusives et liquides chez les pêcheurs de Florianópolis*. Paris, Université la Sorbonne Nouvelle, 1996.

_____. Fundamentos do modelo multilinear tridimensional: um caso da epêntese no Português do Brasil. *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga, vol.1: 195-205, 1999.

_____. *Estudos em fonologia: a cadeia da fala*. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, UFSC, (em andamento).

CAMARA JR., Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro, Padrão, 1980.

CLEMENTS, George. The geometry of phonological features. *Phonology Yearbook*, 2, p. 225-52, 1985.

_____. *The role of the sonority cycle in core syllabification*. Ms. Cornell University, 1988.

CLEMENTS, George. & HUME, Elizabeth. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Blackwell: 245-306, 1995.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental & metrical phonology*. Cambridge, Blackwell, 1990.

MALMBERG, Bertil. *A fonética*. Lisboa, Ed. Livros do Brasil, 1954.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário – Latino português*. 4 ed. Porto (s.d.).